

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO POR UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO: ALGUMAS PONTUAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA E TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUAS MIDAS.

Ronaldo Nunes Linhares

Em, 1999, final do século passado, publiquei na revista *Novos Olhares*, da USP, o artigo “Internet e Ação Comunicativa como elementos do Espaço Público sob uma perspectiva habermasiana: crise e transição”, onde procuro fazer algumas reflexões sobre mídias e esfera pública. A partir das contribuições propostas por Habermas em seu livro “*A Mudança Estrutural da Esfera Pública*” (1984), em que credita a sociedade tecnológica e midiática a extinção de qualquer possibilidade de construção do espaço político coletivo onde: aspirações, desejos, necessidades e vontades privadas pudessem ser publicizadas, coletivizadas e, portanto, resolvidas ou satisfeitas de forma consensual. (LINHARES, 1999).

Nessa mesa temática, destaco as contribuições de pensadores como Lima (1995), Almeida (1999), Niege (1992), Bhabha (1996) Cancline (1998) Maia (1998), Roncagliolo (1998), (uns mais otimistas que outros), com diferentes enfoques e interpretações, que procuram entender e explicar a sociedade midiática e tecnológica, na perspectiva de um novo espaço de conversão, uma nova forma de consenso, nova prática política, enfim, uma nova esfera pública.

Mesmo sobre diferentes fundamentos, esses pensadores, consideram a pluralidade dos *medias* e a capacidade de “regeneração” do tecido cultural afetado pela dominação política do Estado e ideológica dos *medias*, fundado na diversidade cultural, e principalmente na capacidade do receptor ou consumidor dos *medias* fazer uso crítico da razão. Nesse sentido vale a observação de Lipovetsky (apud Almeida, 1999; 161) quando afirma que “é preciso gerar uma revisão de fundo: o consumo mediático não é coeiro da razão, o espetáculo não anula a formação da opinião crítica, o show prossegue a trajetória das luzes”.

Naquela reflexão, estava clara a diferença do espaço comunicacional produzido pelos *medias*, principalmente os digitais, em comparação ao que gerou o espaço público burguês pensado por Habermas mediado pela mídia impressa. Embora essa diferença não seria suficiente para determinar o fim do espaço público na sociedade atual, já que os *medias* contribuem, em alguns momentos para a formação do espaço de publicização e “formação da opinião e a crítica do público”. (Almeida, op.cit.; 164)

A digitalização da informação e o avanço tecnológico dos meios e suportes de comunicação, criaram novos espaços, com traços muito claros, com características de uma sociedade fluida, espetaculosa, de incerta e violenta rapidez construindo o que Baudrillard definiu em 1997 como o reino do efêmero. Os atores sociais constroem, dentro de suas possibilidades, novas formas de pertencerem ao grupo mais próximo, procurando a satisfação imediata de seus desejos e necessidades, econômicas, sociais, políticas e principalmente culturais. Novas formas de pertencimento, novas estruturas de ação e reação tanto dos processos dominantes como das práticas de libertação e autonomia do capital.

Um longo período de revolução e organização de um tipo de sociedade, iniciado com a escrita se fecha com a inovação trazida pela prensa e os impressos. Nesse período suportes e Mídias surgem atrelados a escrita e o acesso a informação impressa exigia o domínio dos códigos e da alfabetização, até então restrita a poucos escolhidos. No percurso, o ocidente se reinventa, organiza e normatiza os padrões definidos como fundamentais para uma sociedade que a modernidade instituiu como responsável pela manutenção do novo modelo econômico baseado no capital material e de uma nova organização política baseada no Estado. Somam-se a ciência e a educação formal, temos instituições condutoras dos padrões de civilidade responsáveis desde então pela manutenção dessas bases.

Nesse contexto de modernidade, define-se um tipo de escola e um conjunto de princípios educativos e pedagógicos destacando as tecnologias impressas e se inicia um processo de redefinição do papel da informação e das práticas comunicacionais mediadas na sociedade. Pensando nos sistemas comunicacionais, finalizamos um processo revolucionário é o iniciamos outro que vai se constituindo, a partir do desenvolvimento tecnológico, com o surgimento de outras mídias e a retomada de outras linguagens e narrativas para além da escrita. Gosto da simbologia mitológica de Serres () para explicar a transição do pós industrial, Hermes- mensageiro toma o lugar de prometeu o herói das forjas. Adentramos na era das novas tecnologias do digital reconfigurando “as onda/textura de relações, de lugares, de vias/meios e de canais” e criando o comercio de mensagens. Ainda segundo esse autor essa revolução afeta diretamente a escola como instituição historicamente responsável pela guarda e transmissão da informação.

Na sociedade da comunicação, o cinema, o rádio, a televisão e o ciberespaço, esse último concentrando as outras linguagens sob a égide do digital, se inicia um processo de transformações comunicacionais e educativas que se aprofunda com a globalização das economias, a mundialização das culturas e a transformação da natureza da informação, do lugar da comunicação e da objetividade/subjetividades da produção, do trabalho e das práticas socioculturais e políticas. A sociedade se remodela a partir das transformações provocadas pelas TIC. De posse dos princípios pedagógicos, agora também os comunicadores ensinam, como observa Seres (1998), “falam com professores”, no entanto os professores não dominam os novos códigos da comunicação, não sabem mais comunicar no mesmo nível com seus alunos.

Acredito que a invenção das mídias audiovisuais e mais atualmente das TDIC nos conduz a uma nova revolução pós prensa. O digital cria e alimenta um sistema de comunicação baseada na complexa reestruturação de códigos que, para além da escrita, contribui para redefinir a tanto a percepção como as praticas em que se orienta a construção/transformação do mundo. O mais importante é que essa revolução transforma a natureza socioeconômica e politico cultural da informação e da comunicação desde sua produção, divulgação, acesso e consumo, quando é constituída em produto/consumo fundamental para a reestruturação e reorganização do modelo econômico globalizado.

O consumo, desde a modernidade, baseado na produção de matéria/produto que estruturou e reproduziu o trabalho material agora dá lugar ao trabalho intelectual, subjetivado, envolvendo indistintamente aos indivíduos e grupos, para além do antigo conceito de classe, tempo, espaço, real, virtual, público, privado e íntimo, pertença e identidade e objetivação/subjetivação o que nos obriga a conhecer a história das mídias considerando o sistema de mídias, socioeconômico, político, estético e linguístico na sua totalidade (BURK & BRIGGS, 2006).

Estamos diante de um novo espaço/tempo sócio técnico que constitui com/no ciber/digital, apresentando uma nova “agora” de participação/discussão e novos formatos de consumo e convivência da informação, numa processo de objetivação/subjetivação da cidadania, da participação, da colaboração e interação que mediadas pelas mídias digitais renova as práticas de espetacularização/publicização do cotidiano.

Com as TD a revolução social de base econômica e tecnológica reorganiza os elementos constitutivos da cultura, do social e suas práticas comunicacionais, dentre as quais se encontra a educação. Na perspectiva de Serres (1998) estamos, portanto, numa sociedade pedagógica que propõe uma revisão na relação comunicação e educação, agora mediadas

mais mídias e tecnologias além do livro/lousa, que tanto contribuíram para definir, ao longo da história as estratégias e normativas dos processos de aprender e ensinar no espaço escolar.

O virtual, enquanto possibilidade torna permanente o “vir a ser”, no construto das práticas e potência das narrativas comunicacionais tornadas reais através do cinema, da televisão e das ciber mídias. Com o digital, o ciber reconstrói os princípios definidores da relação real/imaginário, real/virtual naturaliza a percepção do “tudo é possível”, como elemento constituinte e constituídos do cotidiano. Com o digital, as mídias, suas linguagens e tecnologias, que mediam desde sempre a relação homem/natureza, é desterritorializada, a informação e seu registro torna-se atemporal, manipulável/editável e reconfigurada.

A reestruturação das práticas socio-culturais, educacionais e informacional define e orienta os processos e dispositivos de aprender e produzir significados na sociedade da comunicação digital. Enquanto estrutura de organização manutenção/transformação da sociedade os espaços digitais, a partir das novas formas de tessituras das redes sociais/digitais prenes de novos desafios/práticas de informar/comunicar, possibilitam a partir do acesso a informação e seu uso crítico e significativo a transformação desse conhecimento em ação política, autônoma e transformadora.

A partir das transformações provocadas pelo digital nas pratica sociais, surgem a necessidade de conhecimento, domínio, habilidades e competências com as novas linguagens e seus códigos nas habilidades e competências para enfrentar essa realidade liquida, do espetáculo, hiper leve. Sendo assim, a proposta desse texto é pensar para além das estruturas e estratégias de formação estabelecidas na modernidade, qual papel do professor e da escola nesse contexto para responder as novas demandas de uma sociedade em potência e envolvida nos movimentos do digital?